

FOUCAULT: O CUIDADO DE SI E A LIBERDADE,
OU A LIBERDADE É UMA AGONÍSTICA

Alípio de Sousa Filho

“A partir da idéia que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte.”

Michel Foucault

Começarei pela pergunta já tantas vezes feita: que fazia Foucault no retorno à moral greco-romana antiga? Que efeito procurava produzir (em seus leitores, naqueles que o acompanhavam em sua produção teórica), ao nos transportar do presente (que o ocupou em suas principais obras) a um passado cujos contornos tão diferentes se transformaram ou se perderam? Alguma surpresa nisso? Para não deixar de pensar as coisas como ele próprio as pensou, já deveríamos aqui falar não de “retorno à moral”, no singular, mas de retorno à Antiguidade para o estudo de “morais”. No plural, está toda a diferença. E, como sabem seus leitores, não somente nesse caso. Todo o seu pensamento foi orientado pela concepção radicalmente negadora da tentação do uno. Como insistiu tantas vezes, Foucault foi atraído pelo fato de que, entre gregos e romanos, não houve a tentativa de imposição de uma moral única a todos, mas produção de “morais” de grupo, morais orientadas para éticas e estilizações da vida, estilos de grupo e para grupos. Ao menos, entre as camadas aristocráticas daquelas sociedades. Os últimos volumes da *História da Sexualidade* e suas aulas, no Collège de France, entre 1980 e 1982, parte delas reunidas no *A Hermenêutica do Sujeito*, são exemplos de sua ocupação com o assunto.

Sabemos que o estudo dessas morais levou Foucault a se ocupar com o tema da ética, da estética da existência, da verdade, do sujeito da ação, do sujeito ético da verdade. Assim, leitores, estudiosos, editores “descobriram” encantados: no Foucault ocupado com as éticas greco-romanas antigas se encontra o pensador da liberdade: *“As portas do asilo, os muros da prisão desaparecem, dando lugar a falas livres em que gregos e romanos discutiam as melhores maneiras de conduzir suas vidas (...). A paisagem do confinamento cede lugar à liberdade luminosa do sujeito”*.¹

Não se trata de um outro Foucault, como também já se disse. Obsessão de certos catálogos e catalogadores: como haveria um Marx em dois tempos (jovem e maduro), um Freud antes e depois de 1920, haveria igualmente um Foucault antes e depois do *tournant* da volta a Platão, Epiteto, Epicuro, Aristóteles, Plutarco, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio, etc., textos nos quais o que está em evidência é a liberdade dos sujeitos mais que seu aprisionamento, como antes (em obras como *História da Loucura, Vigiar e Punir* e mesmo em *As palavras e as coisas*). Talvez os termos de Frédéric Gros, no resumo-comentário que escreve sobre o curso de Foucault de 1982, sejam mais exatos: para compreender a abordagem dos temas do sujeito, da ética, da estética da existência por Foucault, poder-se-ia pensar em “singularidade”, “reviravolta”, e mesmo “enigma”, mas igualmente “*maturação lenta, um percurso sem ruptura nem alarde, que devia conduzir Foucault às margens do cuidado de si*”²

Foucault não abandonou seu programa de pesquisa original, dá continuidade a ele, nem rompeu com seu modo de pensar anterior. Outros problemas de pesquisa, sem dúvida, outras questões para se interrogar, certamente. Mas sempre o mesmo Foucault: para o qual o tema da liberdade nunca esteve ausente, mesmo quando apenas de um modo tácito. E por quê? O deslocamento no espaço e no tempo – onde a história conjunta do desejo, da verdade, do sujeito e do cuidado de si começa a se construir e ilumina a genealogia do homem ocidental, na Grécia clássica do quarto século, depois entre os autores gregos e latinos dos dois primeiros séculos de nossa era, surgida após os estudos que já haviam sido realizados sobre os séculos XVII, XVIII e XIX – esse descolamento bem pode ser lido, com as belas palavras de Raymond Bellour, como o “*eco de uma dor*”³: como inventar a liberdade nos espaços de sujeição, como transformar o corpo domesticado no desejo obstinado de liberdade?

Quando Foucault tratava do poder, e dos modos de subjetivação como modos de sujeição, a liberdade já estava ali, no seu pensamento, no seu desejo, ela dava sinais de sua presença, espreitava sua hora luminosa: nas resistências, nas lutas pontuais, nas lutas específicas, nas *experiências*, nos modos-de-vida-outros, coisas pouco teorizadas, mas nunca ausentes de suas aulas, de suas falas, de seus textos, comparados por ele próprio a “batalhas” e “armas”. A ética do “cuidado de si mesmo” (*epiméleia heautoû*) como prática de liberdade (ontem e hoje) é quase uma consequência da qual seu pensamento não poderia escapar.

Poderíamos dizer que, em Foucault, *era a liberdade que olhava o poder*. E porque o olhava tão bem, em suas minúcias, em suas técnicas, em suas modalidades, ele foi capaz de indicar as formas-ensaios pelas quais a liberdade pode ser experiencial, experienciada: na duplicação da problemática política no campo do cuidado ético de si, campo do sujeito, da hermenêutica de si.

Estudar o poder, a sujeição, as técnicas da fabricação da subjetivação, permitia a Foucault evitar os enganos de pensar a liberdade como aquela constituída nos mecanismos jurídicos, a partir dos embates com a lei, e assim como quase sempre a temos buscado. A mesma liberdade que, concedida através do aparato jurídico-político do poder, é por ele usurpada e serve para legitimá-lo nas suas próprias concessões. Dessa liberdade deve-se desconfiar. É a liberdade das liberações da lei e de um certo tipo de política. Foucault não deixou dúvidas a esse propósito: diferentes campos do pensamento e diferentes campos das práticas políticas e dos saberes se apropriam da liberdade atribuindo-lhe concepções que identificam a si mesmas, todavia não conseguindo imprimir à realidade que definem, nos espaços que são os seus, experiências efetivas de liberdade dos sujeitos, mas novas sujeições.

A liberdade-Foucault, olhando o poder por entre suas técnicas, e pelas frestas dos seus próprios mecanismos e dispositivos, definia as condições nas quais emergiria: *(re)construindo o sujeito pelas artes do cuidado de si*. Qual uma arte da luta, anuncia-se rivalizando com a sujeição: éticas do cuidado de si como prática da liberdade.

Tantas horas consumidas em pesquisa sobre o poder, sobre o adestramento dos corpos, sobre a disciplina, o enclausuramento, a sujeição, etc. não seriam por uma identificação de Foucault com seu próprio objeto (como quer Habermas, como ironizou José Guilherme Merquior, Jean Baudrillard, entre outros), mas por um projeto interrompido, inacabado: projeto da Crítica, dos *ensaios* da Crítica, das atitudes críticas, voltadas para uma *micropolítica das resistências*, projeto para o qual a liberdade é um exercício agonístico, uma arte da luta nas artes de si da existência, e cujos combates não conhecem a vitória final. De sua parte, o poder é contínuo e renasce sempre. A fórmula é conhecida: “*onde há poder, há resistência*”⁴. E poderíamos acrescentar: onde há liberdade, o poder reage. No desejo de liberdade não está, pois, a verdade da filosofia de Foucault? Algo assim já não nos sugeriu John Rajchman? O seu próprio uso da história, para problematizar o sujeito, é um trabalho de pensamento da questão da liberdade.⁵ A

hipótese do projeto da Crítica, voltado para uma micropolítica das resistências, resta a demonstrar.

Foucault não escreveu muitos textos em que a liberdade aparece referida diretamente, nos títulos, nos desenvolvimentos etc. No seu pensamento-surpresa, as referências, insinuações, interrogações, reflexões, alusões à liberdade aparecem na duplicidade poder-resistência. Suas reflexões nos deixam algumas interrogações: como, nos espaços construídos pelo poder, investidos de técnicas de sujeição fabricadoras de subjetivação, é possível ser livre? Livre de quê? Que é ser livre? Que é a liberdade? Como é possível a liberdade? Foucault nos leva a fazer essas questões sem nos oferecer respostas exatas, retas. E todas elas restam como questões a serem continuamente pensadas.

Para o autor de *O uso dos prazeres*, *O cuidado de si*, *A hermenêutica do sujeito*, ao menos uma coisa é certa: o que se deve entender por liberdade não deve ser confundido com *liberação*, embora esta seja uma condição necessária.⁶ A liberdade é da ordem dos *ensaios*, das *experiências*, dos *inventos*, tentados pelos próprios sujeitos que, tomando a si mesmos como prova, inventarão seus próprios destinos. Assim, experiências práticas de liberdades, sempre sujeitas a revezes, nunca como algo definitivo, como numa vitória final. Nem como concessões do alto (Deus ou o Estado), nem como o “fim de toda dominação”.

Foucault nos deixou problematizações sobre a liberdade mesmo quando tudo na paisagem de seus textos era só controle, domesticação, cerceamento. Problematizações que continuam como marcos para pensar nossa atualidade política, moral, filosófica. Como assinalou Frédéric Gros, em texto aqui já citado, se Foucault escreveu uma História da Loucura, não foi para fazer uma história da psiquiatria, se escreveu as Palavras e as coisas, não foi para fazer uma história das ciências humanas, se estudou os gregos e romanos, não foi para fazer uma história da filosofia helenística e latina, suas reflexões, suas palavras são uma tomada de posição filosófica, ética, política: Foucault inventa uma filosofia que liberta a nossa própria existência de nós mesmos ou da prisão de nossa “subjetividade”, que, social e historicamente construída, é, entretanto, vivida como uma substância natural e universal. Foucault é um exemplo do que chamarei de uma concepção *construcionista crítico-radical*, e seu *construcionismo* torna-se um apelo crítico às liberdades instauradoras de novas construções, novos pensamentos.

Foucault não deixou uma teoria da liberdade, mas deixou diversos assinalamentos, indicações: “A liberdade não começa ali onde cessa a intervenção

centralizada do Estado (...) De fato, não creio que o poder seja somente o Estado, ou que o não-estado já seja a liberdade".⁷ Há, contudo, em suas reflexões uma orientação para os caminhos da análise: por definição, somente ocorrem práticas de liberdade onde relações de poder substituem realidades totalitárias de dominação. Na condição da dominação total dos sujeitos, a liberdade não se torna possível. A liberdade só pode existir em oposição a um poder, a poderes, pois o poder não impede a liberdade, limita-a. Não importando sua origem, porque se exerce, o poder é limitante. A liberdade é da ordem das resistências às sujeições dos diversos poderes. O poder, longe de impedir a liberdade, excita-a. Como sabemos, Foucault subtrai a característica "negativa" do poder, o poder é produtivo, o poder fabrica, diz: se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil; se ele é forte, é porque produz efeitos positivos de desejo, de saber.⁸

Ora, sabemos também que Foucault sugere que, tratando-se do poder, não busquemos a equipe que preside sua racionalidade; nem a casta que governa, nem os grupos que controlam os aparelhos do Estado, nem aqueles que tomam as decisões econômicas mais importantes. Não há titularidade do poder. A racionalidade do poder é a das táticas, muitas vezes bem explícitas no nível limitado em que se inscrevem, que, encadeando-se entre si, invocando-se e propagando-se, encontrando em outra parte apoio e condição, esboçam finalmente dispositivos de conjunto.

É, então, no quadro dessas táticas, nos espaços que elas criam, que igualmente se produzem os espaços de enfrentamento: os exercícios agonísticos de liberdade. Quando as relações são de constrangimento ou de escravidão não se pode falar sequer em exercício do poder, que só se exerce efetivamente, afirma Foucault, sobre homens livres. ...lá onde há poder há resistências e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) estas nunca se encontram em posição de exterioridade em relação ao poder. Elas não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistências que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda as redes de poder. O poder se mascara sob o aparato jurídico e somente assim consegue ser tolerável, pois, a forma geral de sua aceitabilidade é ser um limite à liberdade, mas sem suprimi-la.⁹

É, então, no campo das correlações de força (relações de poder x resistências), que nossa questão se põe mais explicitamente: pode-se dizer que o sujeito que aceita se submeter (de bom grado, ou pelos fortes efeitos da ideologia¹⁰ sobre ele) é suprimido, é anulado. Mas, é certo que, como exceções!, há os que inventam sua vida, procuram se libertar, há aqueles que procuram os exercícios ascéticos das liberdades. Oferecem-se como pontos de resistência à dominação, à ideologia.

Mas de que liberdade se trataria? Ser livre de quê? É possível a constituição do sujeito sem sujeição? Para Foucault, isso implica na transformação do sujeito como objeto do saber, objeto de sua própria verdade, sendo a liberdade construída num processo, numa vida construída na maneira como cada um determinar. Assim, nos caminhos que escolher trilhar - não importa onde se chegue - e mais, na própria escolha é que é a liberdade, o sujeito construirá sua vida como decidir, mas criando as condições de coexistência com o outro, pois não pode haver liberdade apenas no sujeito, mas vivenciada por ele nas relações com todos os demais. Foucault deixa aqui um embaraço (não é possível ser livre em si mesmo, no pensamento, na independência do cuidado virtuoso de si, como um aristocrata da alma?), que não vou desenvolver por agora.

Se a liberdade é, pois, igualmente uma *construção*, resta-nos buscá-la como um valor a orientar nossas ações. Importando destacar, mais uma vez, que possivelmente jamais seja encontrada integralmente. Mas, permanece uma questão: a liberdade rivaliza com o quê? O que a distingue nos combates no campo das correlações de força? Que ela ameaça pôr em colapso?

É da *arte do cuidado de si* que trataremos agora. Um trabalho sobre si mesmo: “um trabalho a ser realizado sobre si mesmo”. Que é esse trabalho do sujeito sobre si? Qual é sua finalidade? Como esse trabalho se relaciona com a liberdade? O cuidado de si não é cuidado de interesses (riqueza, privilégios, poder), é “exercício filosófico”, é cuidado ético-moral de si mesmo, orientado para uma estilização da vida, uma estética da existência, para artes da existência.¹¹

E como resume: estas devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se. Modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo.¹²

Por que esse exercício é liberdade? Por que pode promover a liberdade do sujeito? É possível esse exercício na política? A política serve para outras coisas: estabelecer campos de força, disputas simbólicas, batalhas pela lei, mas não para fundar a liberdade. Assim, é que encontramos na política tantos homens e mulheres que não são livres. Escravos do poder, dos seus interesses, dos privilégios, não são virtuosos, não cuidam de si, e não surpreendem, pois, que não sejam livres e, pois, que não possam ser bons governantes.

A liberdade do cuidado de si somente pode ser experimentada como tal, se é uma experiência ético-moral do sujeito em sua própria verdade, uma experiência sempre singular e intransferível. A liberdade em pensamento, a liberdade em movimentos independentes da alma, sem libertação final. Exercícios de crítica da formação anterior do sujeito, em sua subjetivação pelo poder, pela ideologia. Nos livres exercícios agonísticos das artes de si, o sujeito e a verdade não estão vinculados pelo exterior e como que por um poder que vem de cima, (o Estado ou Deus, como nos liberalismos, socialismos ou como nas éticas religiosas), mas por uma escolha irreduzível de existência: o sujeito da verdade de sua liberdade não o é mais no sentido de uma sujeição, mas de uma *subjetivação-outra*, aquela que ele é seu artífice, e seu mestre. Aqui, quando o sujeito exercita-se pelo pensamento a considerar como devendo produzir-se como uma obra de arte, permanecendo mestre de si, vivendo consigo mesmo, repousando em si próprio, refletindo sobre a natureza de seu próprio governo, sendo o sujeito ético que se pensa, sendo capaz de agir em função de uma verdade, e devendo sê-lo pelo exercício da reflexividade e da ação.

Qual cuidado de si, então, pode ser chamado de experiência de liberdade? Aqui não há como não argumentar que, se se trata de uma ascese filosófica cuja função essencial consiste numa maneira de constituir a si, menos como sujeito de conhecimento, e mais como sujeito da ação ética, a ação do *ethos bom, belo, justo e memorável*, não há como não reconhecermos aí o trabalho sobre si mesmo que não seja também o trabalho de *desideologização*.¹³ O poder somente se torna possível por sua natureza ideológica e por seus efeitos ideológicos. Infelizmente, ainda é preciso apontar, e talvez por muito tempo, que não se trata aqui de pensar a ideologia como sistema de crenças sobre como o mundo deveria ser organizado ou como “falsa consciência”, como entendem o assunto os marxistas, entendimento que não é especialmente útil. Mas pensando a ideologia de uma outra maneira, como aqui brevemente trato em nota

anterior, não se pode deixar de enxergar ali onde Michel Foucault falava de poder simultaneamente o trabalho da ideologia. “A *ideologia constitui os indivíduos em sujeitos*” (Althusser) e os constitui na e para sua sujeição. Se agimos agidos pelo poder, é porque a ideologia nos atravessa e nos faz agir em consonância com os propósitos da sujeição e sem que o sujeito seja capaz de se oferecer em resistência. Como não é possível estar fora das relações de poder e como não é possível escapar à ideologia, pois que esta parasita já nossa experiência de sujeição a toda linguagem, o que resta possível conseguir (e isto é muito!) é, nas artes críticas do cuidado de si, baixar o *quantum* de ideologia sedimentado no curso de nossa fabricação social, baixar o *quantum* dos investimentos do poder em nós mesmo. Exercícios de si pelos quais se poderá, ao longo de toda a vida, viver a existência como experimentos de liberdade.

Por que agonística? Por que arte da luta? Porque não há descanso nos exercícios de sermos livres. Não podemos descansar, acreditando numa vitória final da liberdade. Assim como não podemos entregar a nenhum outro nossa liberdade: o trabalho que o indivíduo deve exercer sobre si, a ascese necessária, tem a forma de um combate a ser sustentado, de uma vitória a ser conquistada... E, constituindo-se ao mesmo tempo como sujeito de conhecimento verdadeiro e como sujeito de ação ética, este oferece, como correlato de si mesmo, um mundo que é praticado como prova: é preciso liberdade para existir ética: “A *liberdade é a condição ontológica da ética*”¹⁴. A “arte de bem viver” na liberdade ética deixa o mundo igualmente mais belo. Objetivo estético da ética: fazer de si uma obra artística, estilizar e embelezar a vida. Não é, pois, isso o que Foucault tentou: devolver as forças às éticas antigas para nos interrogar e interrogar o nosso presente?: “*Eis o que tentei reconstituir: a formação e o desenvolvimento de uma prática de si que tem como objetivo constituir a si mesmo como o artesão da beleza de sua própria vida*”.¹⁵

Tudo isso, vivido como exercícios criadores de novos sujeitos éticos, que experimentam liberdades que não podem ser emprestadas à lei, ao outro, a liberdade resta a ser inventada sempre, e por cada um, por grupos, de muitas maneiras. Em outras palavras, não há possibilidade, por assim dizer, de totalização da liberdade. Essa tentação de totalização está no regimento moral de nossas sociedades e percorreu as experiências dos socialismos – cujo malogro não se deve menos a essa tentação totalitária, tantas vezes criticada por Foucault. A leitura que ele faz dos gregos e romanos antigos é também indicativa dessa conclusão: a ocupação com as éticas do

cuidado de si, a razão para essa escolha, era a vontade (dos antigos; ou de uma parte deles) de viver uma vida bela, e deixar para outros a memória de uma existência bela. Não se pode pensar que esse tipo de ética fosse uma tentativa de normalizar a população. Não havia a intenção de uma moral única para todos.¹⁶

E porque os cuidados de si como prática da liberdade são um problema ético – como agir?, essa é a pergunta do sujeito ético – os cuidados de si exigem técnicas. Foucault se ocupa com algumas delas na encantadora leitura que faz dos “manuais de vida” da Antiguidade: leitura, escrita, interpretação dos sonhos, meditação, reflexão, cuidados com o corpo (sono, exercícios físicos, comida, bebida, excreção, relações sexuais, etc.). Todas elas técnicas de constituição de si como objeto de ação radical: objeto de subjetivação-outra. Técnicas do trabalho sobre si mesmo como lugar de uma experiência, de *ensaios* de existir.

Não é, pois, que é assim que o próprio saber também se torna uma experiência de liberdade? Não mais agora a velha relação saber-poder, mas uma outra: “*De que valeria a obstinação do saber se ela apenas garantisse a aquisição de conhecimentos, e não, de uma certa maneira e tanto quanto possível, o extravio daquele que conhece?*”¹⁷. Extraviar-se, perder-se de si, perder seus conceitos anteriores, pensar seu próprio pensamento, suspender suas próprias crenças, relativizar o que se sabe, relativização de si mesmo, das formas, das verdades aceitas, das hegemonias do mundo – êxtase de uma descoberta: a realidade vivida como única, inevitável, universal, natural, divina, é uma invenção humana e sócio-histórica. Descoberta do caráter ficcional de toda realidade, de sua incompletude, de sua natureza *não-toda*, apesar de todo o esforço da ideologia e dos discursos de verdade do poder buscar afirmações em contrário. Esse saber inquietante, devastador, crítico, “martelo” do artesão da arte de fazer de si mesmo uma obra a construir, a lapidar, saber das resistências agonísticas sem descanso, das revoltas, ou dos retiros estratégicos, da reflexividade. Como assinalou Foucault: “*Mas o que é, então, a filosofia hoje – quero dizer, a atividade filosófica – se não o trabalho crítico do pensamento sobre si mesmo?*”¹⁸

Todas essas questões invocam o problema que vários críticos apontaram ao Foucault da genealogia do poder, quando se pensava que ele detectava poder em tudo e invalidava qualquer possibilidade de resistência e ação política. Em Foucault, a crítica não se sustenta, uma vez que, mesmo nesse momento de sua pesquisa, um novo tipo de prática política, baseado na idéia de uma nova forma de existência do engajamento,

tinha lugar de destaque: as resistências. E claro estava a afirmatividade existencial dessa modalidade da ação política. A micropolítica das lutas específicas, das lutas pontuais são lutas das artes de si, dos cuidados de si: essas não deixam de ser lutas hermenêuticas de sujeitos que procuram elaborar suas vidas como uma obra de arte, de novos modos, a partir de novas subjetivações: mulheres-feministas, homossexuais, travestis, negros, mestiços, migrantes, através de suas lutas específicas, exercitam (em corpo e alma) a crítica das sujeições a que se visa que continuem a obedecer.

Por isso mesmo, talvez seja mais importante hoje dar ênfase na *escuta* de saberes singulares, dos testemunhos de experiências específicas das pessoas (como Foucault o fez), do que insistir nos saturados modelos da ação política ou nos projetos de amanhã cantantes (socialistas ou outros) a que entregaríamos (e adiaríamos) nossas liberdades. Em Foucault, leitor entusiasta de Nietzsche, Bataille e Heidegger, pode-se procurar uma relação política “originária” não só onde o poder se exerce em estado puro, mas também onde sua pureza não se exerce sobre o outro, e sim, *sobre, para e em* si mesmo, enfim, no domínio, cuidado e doação de si mesmo. Como assinalou:

Eu penso que este tipo de análise histórica pode ser útil. Durante séculos temos nos convencido de que entre a nossa ética, nossa ética pessoal, nossa vida diária e as grandes estruturas políticas, sociais e econômicas, há relações analíticas, e que não podemos mudar nada, por exemplo, na nossa vida sexual ou nossa vida familiar, sem arruinar a nossa economia, nossa democracia, etc. Eu acho que temos que nos livrar desta idéia de uma ligação analítica ou necessária entre a ética e outras estruturas sociais, econômicas ou políticas¹⁹

Se Foucault generaliza as dimensões micropolíticas do poder, suas hierarquias, mecanismos de vigilância, serialização de indivíduos nos limites de cada instituição ligada ao *panopticon*, ou no controle da massa populacional na biopolítica, ele igualmente procurou inventar formas de ação e de existência que impossibilitam a extensão total do poder, e até afirmou que se o poder se exerce sobre o outro, é o próprio *outro* que limita o poder. Foucault demonstra que o exercício do poder constitui, mas também esgota a soberania política, e é nessa *atividade recíproca* que o sujeitoado pode refletir sobre sua participação, inventando sua liberdade.

Na experiência da soberania do cuidado si para a vida-livre também estamos no espaço político, mas não estando mais no estado da política tal qual como praticada nos diversos sistemas de nossas sociedades. Agora, precisamos apostar que, para pensarmos os poderes da resistência das artes de si e do pensamento crítico como *uma política*, o

melhor caminho é conduzirmo-nos pela *experiência* e, logo de início, esta só é possível com a radical experiência das resistências no e do cuidado de si e na e da liberdade existencial. Quando Foucault afirmava que aquilo que o fascinava em Nietzsche, Blanchot e Bataille é que eles não se preocupavam em construir sistemas, mas em ter experiências diretas e pessoais, ele estava valorizando a importância da experiência que se aventura a observar as relações entre a subjetividade e a sociedade, experiências do cuidado de si, experiências de liberdade.²⁰

Foucault nos faz tomar uma posição. Quando o cuidado ético-estético consigo mesmo serve para potencializar a vida, está a serviço da soberania da vida-livre, e esse “serviço” a fortalece, é ele que torna o sujeito soberanamente vivo. A vida-livre é o único fundamento da soberania de sua própria escolha, é igualmente a existência concreta de sua finitude, é o que não permite que ele invoque nenhuma transcendência ou transferência.

Foucault sublinhava as ilusões que o tema da liberação podia conter, na medida em que fica preso nos termos mesmos que o poder, que ele denuncia, lhe impõe. Com a idéia do cuidado ético, de uma estética da existência, Foucault indica para nós contemporâneos uma maneira de sair dos impasses que contém a problemática das liberações (economicistas, socialistas etc.) – e da política hoje.

A nós interessa pouco saber, repassando o material de trabalho do próprio Foucault (os manuais de vida, as éticas antigas), se as práticas do cuidado de si, na Antiguidade greco-romana, tiveram de fato os sentidos que Foucault atribuiu a elas. A nós interessa mais a sugestão filosófica do autor: a sugestão para uma filosofia de nossos dias, a idéia de éticas do cuidado de si como exercícios agonísticos de liberdade.

(Trabalho apresentado no IV Colóquio Internacional Michel Foucault. Abril de 2007, Natal. Inédito.)

¹ EWALD, François. Michel Foucault. In : ESCOBAR, Carlos Henrique de. (Org.). Michel Foucault: O dossier – últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984. pp. 71-73.

² GROS, Frédéric. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.616

³ BELLOUR, Raymond. Um devaneio moral. In : ESCOBAR, Carlos Henrique de. (Org.). Michel Foucault: O dossier – últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984. p. 87.

⁴ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 91.

⁵ RAJCHMAN, John. Foucault : a liberdade da filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

⁶ Sobre o tema, cf. FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V). pp.264-287.

⁷ FOUCAULT, Michel. *Bruxaria e Loucura*. In: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002 (Ditos e escritos; 1). p.323

⁸ Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁹ Essa reflexão aparece em todo o pensamento de Michel Foucault, ver, a esse propósito, FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

¹⁰ Sabemos que Foucault abandonou o conceito de ideologia, e a quase maioria de seus seguidores a vê como uma “noção estéril” (BELLOUR, Raymond. *Op. cit.* p. 90), mas há que se voltar a falar do assunto. Aqui, não há maior espaço para tratarmos do tema, mas uma reflexão sobre a ideologia e sobre a *crítica da ideologia*, como ética do cuidado de si, como prática de *refundação* dos sujeitos, poderá ter restaurado seu lugar de honra nas análises relacionadas aos temas da sujeição, do poder, da dominação. As razões que fizeram Foucault abandonar o termo são conhecidas e, de fato, ele estava certo ao responsabilizar o marxismo por ter fechado a própria via crítica aberta com o conceito. Foucault teve razão em deixar de lado essa palavra, seus usos, aplicações, conforme o marxismo sugeria. Mas se encerraram aí as possibilidades de definição do *que é a ideologia?* Nas reflexões de Marx, e dos marxistas, como inversão e dominação, a ideologia corresponderia ao modo particular do imaginário da sociedade capitalista. A ideologia seria a representação da realidade que a classe dominante nesta sociedade produz e procura impor a todas as demais classes, com o objetivo de garantir sua posição de classe dominante. Objetivo que realiza, ao dissimular, justo através da representação ideológica que oferece da realidade, a dominação que pratica sobre as outras classes. Embora o fenômeno da ideologia tome essa forma específica, e não há que se esquecer isso, é importante assinalar que se torna necessário, hoje, acrescentar à elaboração pioneira de Marx novas considerações sobre o fenômeno da ideologia. O que pode ser feito sem quedas nos economicismos criticados por Foucault. A reflexão sobre as relações entre ideologia e poder, e nos termos com os quais Foucault pensou as questões do poder, da sujeição, da subjetivação, torna possível retirar a análise de ideologia do campo restrito da dominação de classe, quase sempre uma análise de viés economicista. Nesse sentido, deve-se admitir que a ideologia realiza, principalmente, a dominação dos indivíduos pela via simbólica, desde logo a sujeição do indivíduo à linguagem, uma das vias pela qual ocorre de toda estruturação social se constituir, tornando-se uma ordem que se ratifica no simbólico, e constituindo-se ela própria numa *ordem simbólica*. A ideologia, assim, responde a uma exigência anterior à necessidade da reprodução das relações de produção (capitalistas ou outras) e da dominação política de classe, como ainda entendem diversos autores (marxistas ou não). A ideologia corresponde ao dado antropológico da dominação que sempre-já implica a sujeição do indivíduo humano à Cultura, através de sua sujeição a normas, costumes, padrões, crenças, mitos, instituições. Anterior a toda outra coisa, a ideologia assegura, em todo sistema de sociedade, mesmo naqueles nos quais não há classes, que a ordem social não desabe enquanto também uma Ordem Simbólica, ratificando-a, por meio de representações imaginárias, crenças coletivas e certas idéias sociais, como uma ordem natural, única, universal, imutável, divina. Resultado que a ideologia procura obter invertendo e ocultando o caráter de coisa construída, arbitrária e convencional de toda ordem social e suas instituições, e cujo efeito é a eficácia de sua dominação sobre os indivíduos, engendrada e reproduzida sem o recurso da força. A ideologia constitui o modo de operar de toda cultura (enquanto sistema de sociedade), ao procurar naturalizar-se e eternizar-se, e atua por meio dos discursos sociais (variando do mito à ciência moderna) que oferecem as significações legitimadoras do que em cada cultura está instituído. Podemos apontar que a eficácia da ideologia, entre outras formas, realiza-se na sua ancoragem nas esferas psíquica, emocional e cognitiva dos indivíduos. Não se pode deixar de relacionar o assunto à questão do poder. Nesse sentido, Foucault se enganou ao separar poder e ideologia. Afinal, o que ele chama de poder – ao menos em um dos sentidos e o mais forte do termo, como ele o concebe e aplica (poder como sinônimo de “práticas de sujeição”, “dominação”); deixarei de fora o sentido de poder como “potência”, “força”, que aparece nas análises do autor quando trata de “relações de poder”, “relações de força” –, numa tentativa de se afastar da concepção liberal e marxista, nada mais é que a ideologia em ato e em sua natureza própria. O poder (aqui como Foucault o concebeu) não “usa” a ideologia para se exercer, nem esta tampouco se “acrescenta” ao poder como uma “outra coisa”, porque, quando o poder se exerce, já o faz como ideologia, e esta já é, ela própria, um exercício de poder. E se é no corpo que o poder se ancora, materializa-se, atravessando-o, fazendo-o agir agido por ele, é porque a ideologia fornece a garantia da naturalização, da universalização e, em certos casos, da divinização dos saberes, dos *habitus*, das práticas, apoiados que estão em instituições (pedagógicas, religiosas, judiciárias, médicas, etc.) que levam os indivíduos a se reconhecerem como portadores de essências, substâncias, dados, mandatos, desígnios, etc.

naturais, invariáveis, supra-humanos (“consciência”, “fé”, “sexualidade”, etc.). A ideologia não é uma representação sem corpo, práticas, ações, ela é constituída de idéias e de práticas. Práticas discursivas, em primeiro lugar, é certo!, mas ela produz indivíduos ideologicamente ativos, sempre novos e ávidos sujeitos participantes de relações de sujeição: opressão, discriminação, preconceito, exclusão. Assim, admitindo o poder com as características propostas pelo próprio Foucault, e parafraseando-o, direi: a ideologia circula, se exerce, é capilar, está nas extremidades, atravessa os indivíduos, fabrica-os, ela produz “múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade”, tanto quanto está constituída de todas elas. Sobre essa discussão, ver meus SOUSA FILHO, Alípio. Medos, mitos e castigos. São Paulo: Cortez, 2001 e SOUSA FILHO, Alípio. Cultura, ideologia e representações. In: CARVALHO, Maria do Rosário; PASSEGGI, Maria da Conceição; SOBRINHO, Moisés Domingos (Orgs.). Representações sociais. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2003. pp. 71-82; SOUSA FILHO, Alípio. Mito e ideologia. In: Comunicologia: revista de comunicação e epistemologia da Universidade Católica de Brasília. Ano 0, n. 1, 2006 <http://www.ucb.br/comsocial/comunicologia>.

¹¹ Cf. FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Igualmente, Cf. FOUCAULT, Michel. Ética, política, sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V).

¹² FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. Ética, política, sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V). pp.198-199

¹³ Para essa noção, cf. SLOAN, Tod. Resistência psicológica à desideologização. In: MOREIRA, Virgínia e SLOAN, Tod. Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica. São Paulo: Escuta, 2002. pp.91-105.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V). p. 267.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. O cuidado com a verdade. In: FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V). p. 244.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*, passim.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. Ética, política, sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos e escritos; V). pp.196-197.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*, p. 197.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de. (Org.). Michel Foucault: O dossier – últimas entrevistas. Rio de Janeiro: Taurus, 1984. pp. 49-50

²⁰ Uma reflexão sobre esse tema é desenvolvida por FERNANDES, Sandra. Foucault: a amizade como experiência. Natal: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN, 2006 (Dissertação de Mestrado)